

FILANTROPIA COMUNITÁRIA, FILANTROPIA DE MULHERES E FILANTROPIA FEMINISTA

COMPREENDER AS OPORTUNIDADES E DESAFIOS DA COLABORAÇÃO PARA
MELHORAR AS REALIDADES DAS MULHERES E DAS COMUNIDADES







FILANTROPIA COMUNITÁRIA, FILANTROPIA DE MULHERES E FILANTROPIA FEMINISTA

COMPREENDER AS OPORTUNIDADES E DESAFIOS DA
COLABORAÇÃO PARA MELHORAR AS REALIDADES DAS
MULHERES E DAS COMUNIDADES

**Relatório de síntese¹
de janeiro de 2022**

Escrito por Marija Jakovljevic
com apoio editorial de Dana Doan,
Ilustrações de Shrujana N. Shridhar

¹ Nota: Este é um relatório resumido extraído de um documento de discussão mais detalhado, que pode ser acessado em: <https://globalfundcommunityfoundations.org/resources/comm-phil-womens-phil>

PREFÁCIO

O Global Fund for Community Foundations (Fundo Global para Fundações Comunitárias, GFCF por suas siglas em inglês) apóia o desenvolvimento da filantropia comunitária como uma prática de desenvolvimento deliberada e específica a nível mundial. O reconhecimento e a mobilização de recursos comunitários é uma parte importante dos esforços mais amplos para transferir o poder (#ShiftThePower) na filantropia e na ajuda para o desenvolvimento, que há muito insiste na primazia dos recursos externos como impulsionadores da mudança. A filantropia comunitária reconhece as comunidades – independentemente de como são definidas – como fonte de diferentes tipos de ativos (dinheiro e outros recursos físicos, mas também conhecimento, relacionamentos e confiança) e as posiciona como coproprietárias de seus próprios processos de desenvolvimento. Nesse contexto, o ato de dar ou reunir recursos pode ser entendido como uma expressão de confiança, solidariedade, empatia ou dissidência, a expressão de um músculo social coletivo e poderoso.

Desde su fundación en 2006, el GFCF siempre ha adoptado las diversas formas y expresiones de la filantropía comunitaria y las subvenciones a organizaciones de base en nuestra red. Desde a sua fundação em 2006, o GFCF sempre abraçou as várias formas e expressões de filantropia comunitária e subvenções a organizações de base em nossa rede. Juntamente com fundações comunitárias, fundações de desenvolvimento comunitário, fundos socioambientais e outros doadores para organizações comunitárias, os fundos feministas e de mulheres sempre foram uma parte importante de nossa comunidade e do sistema global emergente, distribuído, em rede e enraizado localmente para o qual estamos trabalhando.

Este relatório é o ponto culminante de um extenso processo de consulta, debate e reflexão que remonta a agosto de 2020, quando o GFCF convidou Marija Jakovljevic para embarcar no que inicialmente era um trabalho bastante modesto destinado a aprofundar a compreensão das interseções, sobreposições e diferenças importantes entre os campos emergentes da “filantropia comunitária”, “filantropia de mulheres” e a “filantropia feminista” no contexto dos fundos e fundações locais e regionais no Sul e no Leste Global. Com o tempo, à medida que Marija se aprofundava meticulosamente na teoria, linguagem e prática, a pesquisa se expandiu para um trabalho muito mais substancial. Com o apoio editorial adicional de Dana Doan nos estágios posteriores do processo e belas ilustrações de Shrujana Shridhar, temos o prazer de publicar este relatório - tanto a pesquisa completa quanto sua versão resumida - como uma contribuição para esforços mais amplos para promover a agência e a apropriação e avançar em direção à justiça (especialmente justiça de gênero), desde as bases.

Julho de 2024

Jenny Hodgson, Diretora Executiva do GFCF

INTRODUÇÃO

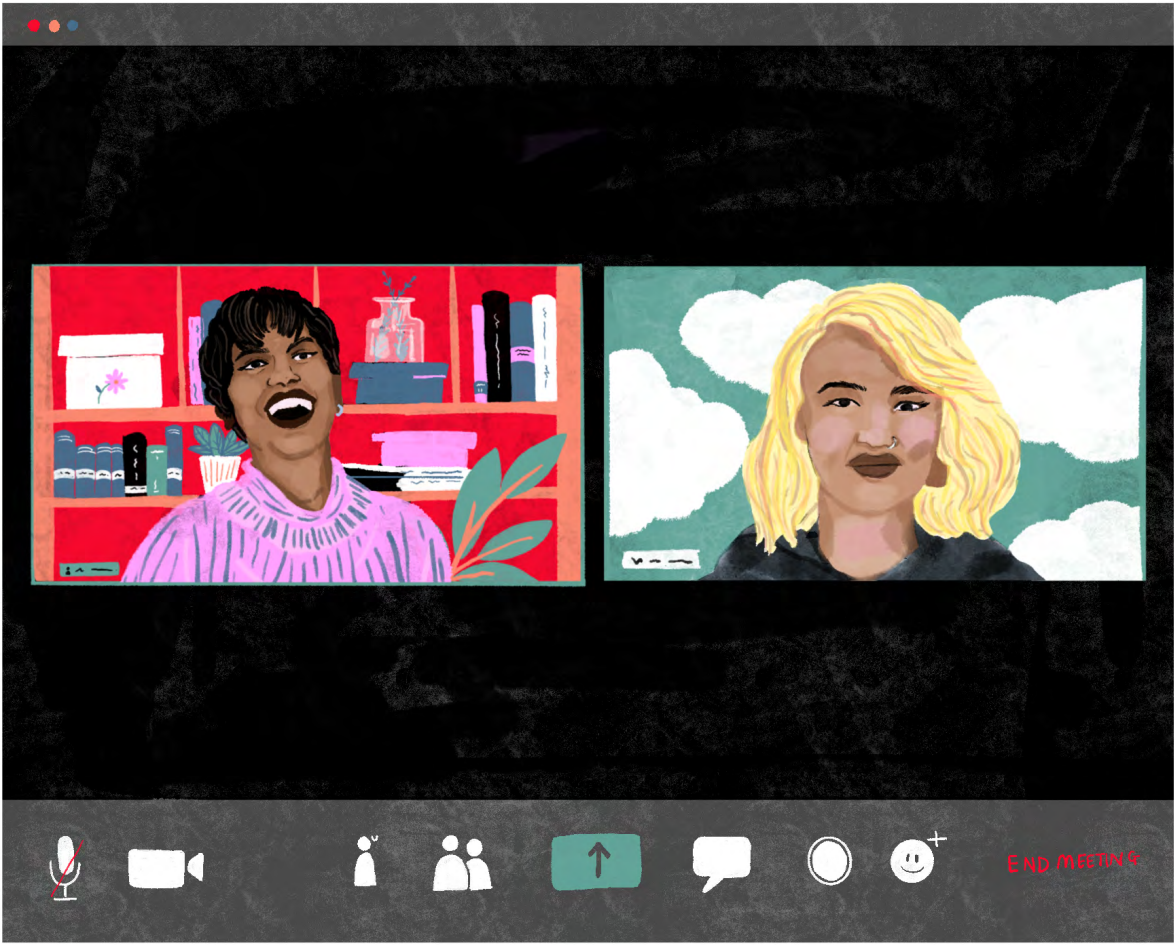
De 2020 a 2021, o GFCF reuniu profissionais e partes interessadas em filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista para explorar as relações entre essas três abordagens e pontos de interesse relacionados com o ecossistema filantrópico mais amplo, com foco particular nos direitos humanos das mulheres. Este relatório é o resultado da primeira fase deste projeto colaborativo global, que incluiu uma revisão de literatura e 18 entrevistas com profissionais e pessoas próximas à filantropia comunitária, à filantropia de mulheres e à filantropia feminista. O pressuposto inicial desta pesquisa foi que a filantropia comunitária, a filantropia feminina e a filantropia feminista estão enraizadas em valores e objetivos semelhantes, com práticas mutuamente relevantes e desafios compartilhados. Assim, há potencial para cada abordagem ajudar a outra a alcançar objetivos compartilhados e superar desafios comuns. Partindo dessa premissa inicial, a autora deste relatório propôs explorar o potencial de uma maior colaboração para transferir o poder para as pessoas que estão no terreno, para moldar e orientar a filantropia baseada em direitos para melhorar as realidades das mulheres e das comunidades. Este relatório resume um documento de discussão mais detalhado e abrangente. O relatório resumido fornece uma visão geral da metodologia de pesquisa, uma breve visão geral das abordagens da filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista e uma breve análise das principais descobertas e principais recomendações relacionadas ao potencial para uma melhor colaboração entre as diferentes abordagens.

Dentro dessas três abordagens, os atores da filantropia comunitária progressista, da filantropia de mulheres e da filantropia feminista identificam dois pontos-chave de interesse comum: (1) mudar a dinâmica de poder dentro do setor filantrópico para promover um melhor fluxo de recursos para as pessoas no terreno; e (2) mobilizar comunidades para financiar de forma autônoma questões subfinanciadas (por exemplo, direitos humanos das mulheres com uma perspectiva interseccional). Ao entender que a filantropia comunitária, a filantropia de mulheres e a filantropia feminista trazem cada uma conhecimento e valor únicos para o campo, apresenta-se a oportunidade de explorar o que cada abordagem poderia oferecer aos outros dois e aprender com eles. Nesse sentido, o presente relatório tem dois objetivos. Em primeiro lugar, busca aproveitar o conhecimento existente para informar e contribuir com os esforços de mudança na filantropia e no desenvolvimento. Em segundo lugar, tem o objetivo de estabelecer ou fortalecer relações e promover a solidariedade entre as pessoas que trabalham no campo da filantropia que compartilham o objetivo de transferir poder, especialmente em termos de equidade de gênero².

² A autora deste estudo usa o termo "gênero" como é usado pelos fundos de mulheres, que entendem gênero como algo que vai além das categorias binárias. Nesse sentido, quando se fala em mulheres, as mulheres trans estão incluídas. Jessica Horn, ex-diretora de programa do AWDF, fornece uma explicação mais detalhada na edição de dezembro de 2019 da Alliance Magazine. Horn, J. (2019). "Beyond the binary." Alliance Magazine, 24(4), p. 39. Extraído de: [http://givingdoneright.org/Women's philanthropy-content/uploads/2019/12/December-2019-Alliance-Magazine.pdf](http://givingdoneright.org/Women's%20philanthropy-content/uploads/2019/12/December-2019-Alliance-Magazine.pdf).

Os direitos humanos das mulheres como ponto de encontro entre a filantropia comunitária, a filantropia das mulheres e a filantropia feminista

Os direitos humanos das mulheres são vistos como um dos pontos de convergência entre a filantropia comunitária progressista, a filantropia de mulheres e o ambiente da filantropia feminista e como um domínio para construir confiança e superar a fragmentação e os silos. Os direitos humanos das mulheres são direitos universais, indivisíveis e inalienáveis que devem ser protegidos e ampliados. Nesta exploração, os direitos humanos das mulheres são discutidos em relação à injustiça, discriminação e estigma sistêmicos, estruturais e outros (por exemplo, classe, casta, raça, etnia, sexualidade, identidade de gênero, deficiência). Eles são abordados a partir da perspectiva de conquistas históricas lideradas por feministas, que continuam a diversificar e reconhecer diferentes experiências vividas. O uso de uma perspectiva de gênero para a análise e contextualização dos direitos humanos das mulheres não é uma prática uniforme ou padronizada. É uma experiência bastante complexa que requer a compreensão de como as opressões e injustiças sistêmicas, culturais e outras interagem com diferentes identidades e posições estruturais para moldar as realidades e oportunidades das pessoas na vida.



METODOLOGIA

Em 2020, as consultas iniciais com parceiros, aliados e partes interessadas selecionados do GFCF resultaram em uma proposta para estudar, com uma perspectiva de gênero, o ecossistema e as funções, semelhanças, diferenças e possíveis sobreposições entre as abordagens de filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista. Este estudo se propôs a refletir sobre teoria e prática para identificar interesses mútuos, pontos problemáticos e questões críticas em todas as três abordagens. Para isso, a autora se concentrou em duas fontes principais de informação: uma revisão da literatura e entrevistas com as principais fontes.

Primeiro, a autora realizou uma revisão da literatura sobre filantropia comunitária, filantropia feminina e filantropia feminista. A literatura revisada consistiu em publicações acadêmicas e não acadêmicas, incluindo livros, artigos, relatórios setoriais, manifestos e sites e canais de mídia social das organizações participantes.

Em segundo lugar, a autora realizou 18 entrevistas semiestruturadas via Zoom (de 60 a 90 minutos), entre setembro e dezembro de

2020. As pessoas entrevistadas participaram de trocas de acompanhamento, dependendo de sua disponibilidade e interesse nos temas que emergiram do estudo.

As entrevistadas foram deliberadamente escolhidas por sua experiência nas áreas de filantropia comunitária, filantropia de mulheres e/ou filantropia feminista, bem como direitos humanos das mulheres. Na seleção dos participantes, o objetivo era ter uma diversidade de perspectivas. Embora o plano original fosse realizar dez entrevistas, entrevistas adicionais foram realizadas com indivíduos identificados como capazes de compartilhar experiências relacionadas a ideias e tópicos que emergiram da pesquisa. Os participantes trouxeram diversas perspectivas devido aos seus diferentes países de origem, histórias pessoais, etnias, habilidades, idades e níveis de participação em diferentes círculos filantrópicos e de ativismo.

Com base na autoidentificação, o estudo incluiu representantes de: seis fundos de mulheres (regionais e nacionais), um fundo feminista³, três fundações comunitárias, uma organização de recursos⁴, três organizações virtuais de

³ Este fundo feminista faz parte de uma rede de fundos de mulheres (FMs), mas é identificado principalmente como um fundo feminista (FF). Considerando que outros FMs se identificam com a filantropia feminista, eles também podem se identificar como FF; no entanto, eles percebem que sua identidade principal é a de um FM. Dessa forma, as fronteiras entre essas identidades primárias parecem relativamente permeáveis. Isso pode ser comunicado de forma diferente em diferentes contextos para ser melhor compreendido, mas também pode mudar com o tempo.

⁴ Esta organização de recursos também fornece subsídios; No entanto, devido à sua história local e desejo de ser melhor compreendida, a organização não utiliza vocabulário filantrópico.

apoio ao movimento (global e regional) e uma organização usuária⁵. (Veja o apêndice para obter uma lista de entrevistados.)

Este estudo foi projetado para tecer uma conversa sobre pontos de interesse emergentes. Não se pretendia ser um estudo acadêmico nem pretendia realizar uma revisão sistemática da literatura. Embora a construção do conhecimento e a conexão de conceitos e práticas tenham sido os principais objetivos desta pesquisa, a cura e o cuidado coletivo ao longo do processo de pesquisa surgiram como uma característica complementar e relevante deste estudo.

⁵ Uma organização de usuários refere-se a usuários auto-organizados de um serviço para uma comunidade específica. Além de organizar e prestar serviços, uma organização de pessoas usuárias dedica-se a defender os direitos de todas as pessoas em sua comunidade específica, de acordo com uma abordagem de direitos humanos. Embora a organização de usuários use a filantropia comunitária para mobilizar recursos para apoiar seu trabalho, ela é considerada diferente de outros atores filantrópicos nesta lista..



CONTEXTO

Para entender o papel e o status da filantropia comunitária, da filantropia feminina e da filantropia feminista, é importante revisar o contexto. Embora muitos estudos careçam de perspectiva ou contexto histórico, as pessoas que participam deste estudo destacam a necessidade de se afastar desse tipo de análise a-histórica. Eventos históricos recentes moldaram o espaço para a filantropia comunitária, a filantropia feminina e a filantropia feminista, e as reflexões sobre esses eventos promovem a compreensão.

A crescente privatização e comercialização dos serviços públicos, o crescimento acelerado das indústrias extrativistas e as medidas de austeridade financeira são ataques diretos aos direitos humanos básicos. Esses desenvolvimentos afetam especialmente os direitos econômicos e sociais.

Esses eventos também resultaram em alienação das formas tradicionais de organização, na destruição do tecido social e das redes de segurança, crescente insegurança, maiores desigualdades, na deterioração da qualidade de vida das pessoas e maior deterioração do ambiente natural. Os conflitos e guerras também estão ligados à reorganização geopolítica e à competição por recursos, como terra e outros recursos naturais, mão de obra barata em um ambiente pós-conflito, tecnologia, etc

Nesse cenário, os direitos humanos são inacessíveis para muitas pessoas e, muitas vezes, são “sequestrados” pela indústria de desenvolvimento.

A filantropia privada busca preencher lacunas, estabelecer ou manter instalações públicas,

oferecer serviços sociais ou fornecer outras formas de apoio a diferentes populações⁶. No entanto, o escopo e as capacidades da filantropia privada não podem ser comparados ao fornecimento do Estado. Enquanto isso, a ajuda ao desenvolvimento do Norte Global, que exerce uma influência descomunal sobre a sociedade civil e o setor público no Sul e no Leste Global, baseia-se predominantemente em uma estrutura ideológica neoliberal. A partir dessa posição, o que é considerado uma “transformação política bem-sucedida” é visto por estudiosos progressistas como um ataque aos direitos sociais e econômicos obtidos por meio da “acumulação por desapropriação”⁷.

Além disso, sabe-se que as tendências de financiamento dos principais doadores flutuam em termos de foco geográfico, áreas temáticas e estratégias priorizadas. Existem discrepâncias regionais significativas no dinheiro disponível para o trabalho de direitos humanos⁸.

Quando o total de fundos filantrópicos é avaliado pela população beneficiária, tipos de organizações alcançadas e estratégias apoiadas, fica claro que coletivos de base auto-organizados que trabalham em nome dos direitos humanos das mulheres e melhorar suas comunidades e sociedades carecem de recursos suficientes. Embora tenha havido um aumento no total de fundos disponíveis do setor de desenvolvimento e filantropia, os valores que chegam às bases são inaceitavelmente baixos⁹.

Os críticos do complexo industrial global de organizações sem fins lucrativos expressam preocupação de que isso mantenha as pessoas em uma posição de dependência¹⁰. A cooptação de narrativas e do trabalho autêntico de direitos humanos é percebida como uma consequência frequente. Em resposta, alguns atores examinam formas compatíveis ou alternativas de levar o controle dos recursos e da infraestrutura para mais perto das pessoas no local. A reorientação para o desenvolvimento liderado localmente, a recuperação das tradições locais de apoio mútuo e generosidade e os recursos autônomos são sugeridos como algumas das maneiras de repensar, redesenhar e reinventar partes da sociedade civil. Filantropia Comunitária, Filantropia de mulheres e Filantropia Feminista passaram a desempenhar um papel muito importante nesse esforço.

6 Roitstein, F. & Thompson, A. (2015). (Presentación de la conferencia) Filantropía y género en la Argentina: Innovaciones y tendencias (pág. 13).

7 Ver Harvey, D. (2003). The new imperialism. Universidade Politécnica de Oxford

8 Ver Harvey, D. (2003). The new imperialism. Universidade Politécnica de Oxford

9 Os relatórios de monitoramento de financiamento de direitos humanos de 2014 a 2018 podem ser acessados aqui.: <https://humanrightsfunding.org/strategies/research/>.

10 Roy, A. (2004). “Help that hinders.” Le Monde diplomatique. Extraído de: <https://mondediplo.com/2004/11/16roy>; Lester Murad, N. (2014). “An alternative to international aid.” OpenDemocracy. Extraído de: <https://www.opendemocracy.net/en/openglobalrights-openpage/alternative-to-international-aid/>.

COMO DISTINGUIR ENTRE FILANTROPIA COMUNITÁRIA, FILANTROPIA DE MULHERES E FILANTROPIA FEMINISTA FILANTROPIA COMUNITÁRIA

Este estudo mapeia três raízes da filantropia comunitária, incluindo: (1) a filantropia comunitária baseada em práticas culturais locais e tradições de ajuda mútua e solidariedade; (2) a filantropia comunitária como uma força política progressista, colocando os direitos das pessoas em primeiro lugar e mobilizando o público para construir uma sociedade justa; e (3) filantropia comunitária como resposta às deficiências do terceiro

setor, redesenhando estruturas problemáticas e transferindo o centro de controle e propriedade para as comunidades. Se entendermos a filantropia comunitária como derivada de uma ou mais dessas três raízes, existem muitas práticas em todo o mundo que se alinham com a filantropia comunitária, mesmo que as pessoas não se refiram a elas usando a mesma terminologia.



O QUE É A FILANTROPIA COMUNITÁRIA?

A filantropia comunitária é uma forma e uma força para o desenvolvimento local justo que fortalece a capacidade e a voz da comunidade de reivindicar, afirmar e expandir os direitos humanos; gera compreensão e confiança; alimenta a solidariedade; e, o mais importante, aproveitar e desenvolver recursos locais, que se unem para construir e sustentar uma comunidade forte.¹¹

Aqueles que trabalham na filantropia comunitária progressista enfatizam a importância de seus processos sobre os de suas formas. Por exemplo, a GFCF descreve a filantropia comunitária usando a estrutura ACT (Ativos, Capacidades, Confiança, ACT por sua sigla em inglês).¹² Os profissionais da área que se identificam com essa estrutura descobrem que os ativos, capacidades e confiança são mobilizados e amplificados por meio da prática da filantropia comunitária. Os valores que o acompanham são a reciprocidade, a solidariedade, a coesão social, a autossuficiência e a interdependência. Os atores da filantropia comunitária reconhecem a necessidade de trabalhar com grupos marginalizados e oprimidos e promover um ambiente inclusivo e justo. Nessa perspectiva, a orientação para as mulheres aparece como um dos pontos de encontro da filantropia comunitária com a filantropia de mulheres e a filantropia feminista.

Uma das forças motrizes da filantropia comunitária é a fundação comunitária (FC). Embora alguns FF.CC. não adiram à estrutura do ACT e não se concentrem na transferência de poder para as comunidades¹³, neste relatório nos concentramos em FF.CC. de uma perspectiva progressista. O objetivo declarado dessas FF.CC. é contribuir para o desenvolvimento sustentável e responsável, mobilizando uma comunidade e gerenciando recursos de acordo com os valores e necessidades dessa comunidade, reduzindo sua dependência da ajuda externa imposta de cima. As FF.CC. se baseiam nas tradições locais de doação e experimentam abordagens horizontais inovadoras para o envolvimento da comunidade. Às vezes, as fundações comunitárias são a única infraestrutura que apoia o desenvolvimento liderado pela comunidade. Geralmente, essa situação ocorre em locais onde outros doadores não estão envolvidos em iniciativas de base, ou pelo menos não da maneira exigida ou desejada pela comunidade.

¹¹ Esta definição foi compartilhada pela primeira vez em "Giving for Change: Community-led Development through Community and Domestic Philanthropy, Multi-Annual Plan 2021-2025." Este documento detalha os planos para um consórcio internacional formado pelo Global Fund for Community Foundations (GFCF), a Africa Philanthropy Network (APN), a Kenya Community Development Foundation (KCDF), e Wilde Ganzen (WG). A definição expande três esforços anteriores para definir a filantropia comunitária (Hodgson & Pond, 2016; Doan, 2019; Jakovljevic: 2020).

¹² Hodgson, J., & Pond, A. (2018). How community philanthropy shifts power: what donors can do to help make that happen. Grantcraft (pág. 11). Extraído de: [https://grantcraft.org/Women's philanthropy-content/uploads/sites/2/2018/12/Community Philanthropy paper.pdf](https://grantcraft.org/Women's%20philanthropy-content/uploads/sites/2/2018/12/Community%20Philanthropy%20paper.pdf).

¹³ Doan, DR (2019). What is community philanthropy? A guide to understanding and applying community philanthropy. GFCF (p.5). Extraído de: [https://globalfundcommunityfoundations.org/Women's philanthropy-content/uploads/2019/08/WhatIsCommunityPhilanthropy.pdf](https://globalfundcommunityfoundations.org/Women's%20philanthropy-content/uploads/2019/08/WhatIsCommunityPhilanthropy.pdf).

A filantropia comunitária é tanto um meio quanto um fim em relação ao contexto palestino. Décadas de ajuda internacional mudaram as prioridades da comunidade palestina. A maior parte da ajuda vem com condições pré-estabelecidas e uma agenda global de doadores que não atende necessariamente às necessidades das pessoas. Após o acordo de Oslo, as fundadoras da Dalia Association perceberam que a ajuda internacional nem sempre alivia as necessidades do povo palestino. Assim, os fundadores procuraram recuperar os valores palestinos locais: o sistema de ajuda indígena conhecido como Al Ouneh. Com a ajuda internacional, as pessoas começaram a perder esses valores. Para trazer esse conceito para a Palestina de hoje, adotamos a metodologia da filantropia comunitária, onde as pessoas se reúnem, discutem suas necessidades e prioridades, propõem soluções e, em seguida, decidem conceder uma pequena doação, por meio de um processo de votação da comunidade que escolhe as iniciativas mais benéficas. Isso recupera valores como a solidariedade e potencializa o papel das mulheres e dos jovens.

Rasha Sansur, Dalia Association

FILANTROPIA DE MULHERES



A filantropia de Mulheres tem significados diferentes para pessoas diferentes. Mais comumente, a filantropia de Mulheres descreve as doações feitas por mulheres. As doações das mulheres podem assumir diferentes formas, como: (1) trabalho de beneficência; (2) apoio aos direitos humanos das mulheres, entendendo as mulheres em um sentido tradicional; ou, nas últimas décadas, (3) apoio a movimentos, como o movimento das mulheres, o movimento ambientalista e outros movimentos que lidam com questões que afetam as mulheres. As formas de filantropia feminina incluem, entre outras, círculos de doação de mulheres, fundações e fundos de mulheres, redes de doadores de mulheres e pesquisas sobre filantropia feminina.

Os círculos de doação de mulheres, como uma forma de filantropia de mulheres, são uma estratégia em desenvolvimento que não tenta simplificar problemas complexos, nem é uma varinha mágica que pode simplesmente ser expandida. Em vez disso, eles abrem espaço para soluções que são específicas para o momento, o espaço e os participantes envolvidos. Elas também ajudam a garantir que os recursos mobilizados pelas mulheres se adaptem a diferentes circunstâncias e envolvam novos aliados.¹⁴

Historicamente, as percepções essencialistas de uma “relação natural” entre as mulheres, a comunidade, a natureza e os papéis

tradicionais, como cuidar dos outros, moldaram o trabalho de caridade das mulheres de uma forma que, às vezes, alimentou processos sociais prejudiciais perpetuados pela igreja, por governos opressores e pelos militares. Foram feitos grandes esforços para desvendar essas relações patriarcais. Mesmo com a reorientação para os direitos humanos das mulheres, ainda existe a preocupação de que uma parte substancial da filantropia de mulheres mantenha essas relações patriarcais sem esforços para superá-las. Além disso, os direitos e benefícios buscados por meio da filantropia de mulheres não se estendem necessariamente às pessoas que não se conformam com o gênero.

Para alguns profissionais, a filantropia de mulheres significa a mesma coisa que a filantropia feminista. No entanto, outros sugerem que os dois estão relacionados, mas distintos. A filantropia de mulheres é considerada menos política do que a filantropia feminista. E a filantropia de mulheres é geralmente percebida como mais fácil de explicar para um público mais amplo do que a filantropia feminista. Em alguns contextos, pode fazer sentido usar menos terminologia política. Nesses contextos, a filantropia de mulheres pode oferecer uma estratégia viável para promover as mudanças desejadas, eliminando gradualmente as camadas sociais prejudiciais e apoiando o trabalho de mudança social progressiva.

¹⁴ Roitstein & Thompson (2015: 25), traduzido do espanhol.

FILANTROPIA FEMINISTA

A filantropia feminista emergiu do movimento feminista como uma força motriz para o financiamento do trabalho feminista. Também visa transformar o setor filantrópico, operacionalizando os valores feministas nas culturas organizacionais e nos processos de concessão de doações (ou seja, como os recursos são mobilizados, como os recursos são alocados e como os atores se relacionam entre si). Ser explicitamente político é destacado como uma distinção fundamental da filantropia feminista em comparação com a filantropia comunitária e a filantropia de mulheres.

10 Princípios de Financiamento Feminista Pela Fundação Lésbica Astraea para a Justiça¹⁵

1. Fornecer recursos para as pessoas mais afetadas pela opressão de gênero.
2. Fornecer recursos para a interseção dos direitos das mulheres e dos movimentos de liberação LGBTQI.
3. Aplicar uma perspectiva interseccional para quebrar os silos de financiamento.
4. Fornecer financiamento básico flexível e sustentado as ativistas.
5. Financiar esforços para promover mudanças sociais e culturais, juntamente com e como parte de mudanças legais e políticas.
6. Apoiar a construção de movimentos intertemáticos e inter-regionais.
7. Ir além da concessão de subsídios (grantmaking): fornecer acompanhamento

aos ativistas com capacitação e apoio à liderança.

8. Investir em segurança holística e justiça curativa.
9. Apoiar o trabalho na interseção do ativismo feminista, direitos digitais e liberdade na internet.
10. Associar-se com fundos liderados por mulheres e outros fundos liderados por ativistas para garantir que o financiamento chegue às bases.

O feminismo revela as camadas de desigualdade e injustiça que uma sociedade patriarcal nos ensina a ignorar. Também exige uma reimaginação da sociedade e, em sua forma mais progressista, a liberação e a justiça para todas as pessoas, além dos seres não humanos e do ambiente natural. Portanto, a filantropia feminista não se limita apenas às mulheres. Também vai além da lente binária (homens ou mulheres), observando a gama de identidades humanas nas margens e aproximando-as do centro. A filantropia feminista também aborda as relações sistêmicas de poder. Além da igualdade de gênero, a filantropia feminista não pode ser reduzida a doações de caridade para mulheres e meninas como população-alvo. Em vez disso, a filantropia feminista se baseia em direitos e aplica uma perspectiva interseccional para abordar várias camadas de opressão.

Comprometer-se com a arte e o trabalho cultural, preservá-los e conectá-los a esferas

¹⁵ Extraído de: <http://astraeafoundation.org/microsites/feminist-funding-principles/>.

acadêmicas e ativistas é uma característica importante da filantropia feminista, que é projetada para descolonizar o conhecimento e nutrir uma cultura progressista alternativa.

A filantropia feminista se esforça para colocar os valores feministas em prática por meio da cultura, estruturas e processos organizacionais; no entanto, esse objetivo continua sendo um trabalho em andamento.

As formas organizacionais mais comuns de filantropia feminista incluem fundos de mulheres (FMs) e fundos feministas (FFs), que foram criados em resposta à falta de acesso a recursos adequados para o trabalho feminista.

Dependendo de seus contextos, FF.MM. servem como pioneiros do movimento e / ou catalisadores de mudança.

O feminismo é sobre alterar o poder, então a filantropia feminista é sobre desafiar e alterar o poder sobre os recursos e a dinâmica de poder entre aqueles que fornecem os recursos para a justiça de gênero e aqueles que os reivindicam¹⁶.

Tulika Srivastava,
Women's Fund Asia



¹⁶ Ver: Srivastava, T. (2019). Revolutionising philanthropy across Asia and the Pacific. Alliance Magazine, 24(4), p. 52. Extraído de: <http://givingdoneright.org/Women's-philanthropy-content/uploads/2019/12/December-2019-Alliance-Magazine.pdf>.



PRINCIPAIS PONTOS

A. DESCOBRIR SOBREPOSIÇÕES É UM PROCESSO

O processo confirmou que, dadas as condições certas (onde ninguém sente que está perdendo nada de si mesmo, mas há um verdadeiro senso de mutualidade), há grandes oportunidades para conectar os pontos, fortalecer conexões, aprofundar a prática e expandir as redes.

Jenny Hodgson, GFCF

Uma entrevistadora disse que não conseguia se lembrar de outras conversas que ligassem a filantropia feminista à filantropia comunitária. Ela acredita que a falta de tais conversas impede que as pessoas se unam. Quando as pessoas começam a conversar umas com as outras, podem traçar estratégias e superar seu isolamento, e é por isso que ela considerou essa iniciativa transformadora. Por exemplo, quando os entrevistados foram solicitados a identificar seu trabalho usando um ou mais dos três domínios, nove se identificaram com filantropia comunitária, cinco com filantropia de mulheres e dez com filantropia feminista. Isso sugere que muitos participantes se identificaram com duas ou até três das abordagens. De acordo com os entrevistados, a fluidez é o resultado de estratégias escolhidas e moldadas pelas políticas dos fundadores das organizações, pela história local e pelas percepções atuais do setor. A maioria dos entrevistados diz que confiam muito em uma estrutura de direitos humanos (DD.HH.), mas não necessariamente de forma explícita.

Este relatório descobriu valores e princípios compartilhados, que se relacionam com a filantropia comunitária, a filantropia de mulheres e os processos de filantropia feminista, como:

- Foco em direitos, privilégios e equidade. Atenção à interseccionalidade, abordagens holísticas, equilíbrio das necessidades sociais e ambientais.
- Aspirar à justiça restaurativa, ao cuidado coletivo e ao apoio mútuo.
- Atenção ao ambiente local, raízes locais.
- Consciência dos problemas sistêmicos e da história de opressões, internacionalismo.
- Construção de compreensão, confiança e laços sociais.
- Responsabilidade consciente.
- Atenção às relações de poder, transferência e distribuição de poder.
- Demonstração de flexibilidade, resiliência e engenhosidade.
- Compromisso com a colaboração, tomada de decisão participativa, soluções desenvolvidas pela comunidade e coprodução.
- Apoiar a interdependência e a solidariedade.
- Promover a autonomia, a obtenção de recursos locais, a auto-suficiência, a fortaleza interna e as redes de segurança.
- Construir propriedade coletiva (do processo, dos ativos, do conhecimento)

COMBINANDO ARTE & ATIVISMO

Assim como a filantropia comunitária, a filantropia feminista apoia projetos culturais. Uma dimensão destacada da filantropia feminista é sua base no trabalho 'artista' e na educação. Ativismo refere-se à combinação de arte e ativismo. A filantropia feminista geralmente conecta e apoia esferas acadêmicas, artísticas e ativistas para construir e descolonizar o conhecimento, aumentar o alcance, fortalecer o sentimento de pertencimento da comunidade e melhorar as comunicações. Nesse sentido, a educação e a arte progressistas e feministas são ao mesmo tempo um campo apoiado pela filantropia feminista e uma estratégia usada por esta para comunicar seus valores, confrontar as narrativas dominantes prejudiciais e alimentar uma cultura progressista alternativa.

B. CUIDADO COM A LINGUAGEM

A filantropia comunitária, a filantropia de mulheres e a filantropia feminista existem em todo o mundo de diversas formas. As histórias locais e as realidades atuais moldam a pluralidade de entendimentos desses três conceitos em uma determinada comunidade. Mesmo os termos- filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista - nem sempre são usados quando se colocam em prática as suas respectivas abordagens. Além disso, o mesmo conceito pode ser descrito usando termos diferentes. Enquanto isso, estes e outros termos relacionados à filantropia estão carregados de camadas de significados questionáveis. Isso pode gerar uma distância

entre atores semelhantes devido à falta de compreensão mútua. Nesse sentido, gerar espaços para descobrir e refletir sobre os significados da linguagem utilizada é o primeiro passo para uma melhor compreensão de cada conceito e para a construção de confiança entre profissionais que lidam com abordagens diferentes, mas relacionados.

A compreensão geral do público sobre o trabalho filantrópico, em termos gerais, é predominantemente baseada no conceito de caridade. E os atores filantrópicos progressistas geralmente têm dificuldade em orientar o significado da filantropia para o engajamento progressivo, social e político. Para orientar a filantropia em uma nova direção, alguns optam por cunhar novos termos com base em conceitos localmente compreensíveis. Outros preferem usar termos conhecidos que evocam o significado desejado. Embora a linguagem e a realidade se moldem mutuamente, a construção de uma compreensão mútua da filantropia, bem como reinventar o termo, continua sendo uma tarefa constante.

PRÁTICAS REFLEXIVAS DA LINGUAGEM

A Solidarity Foundation fala de minorias sexuais de gênero mais do que de pessoas LGBTQ+. Essa linguagem é usada não apenas porque é bem traduzida para o idioma local, mas também porque fornece uma estrutura mais ampla para o trabalho. Na Índia, o termo “minorias” é acompanhado por proteções constitucionais e aponta para a atual distribuição de poder como um problema. A Solidarity Foundation explica que as identidades são interseccionais e, portanto, o trabalho deve aplicar uma lente interseccional. Assim, embora o gênero e o sexo sejam importantes e um ponto-chave de foco, a fundação também se concentra em questões de classe e casta, pois elas determinam o acesso (ou a falta dele) a recursos dentro da mesma identidade.

“ A filantropia comunitária é como uma economia solidária: não é apenas uma coisa. Varia de acordo com o contexto. Tem a ver com valores e certos elementos-chave. Em diferentes contextos, a filantropia comunitária surgirá de diferentes formas e alguns podem não chamá-la assim... Digamos que se você estiver olhando para um ser humano, você está mostrando do que o esqueleto é feito e as diferentes partes do corpo. Mas o rosto pode ser diferente, a maneira como você se veste e outras expressões de aparência. Mas a estrutura está lá e é diferente da estrutura de um lagarto ou de uma baleia. É uma forma de explicar algo com base em sua essência. Não tentamos definir sua forma, porque a forma é diversa e a forma não é a chave. ”

Kamala Chandrakirana

C. REINVENTAR A FILANTROPIA

Filantropia é o campo e o termo mais amplos dentro dos quais a filantropia comunitária, a filantropia feminina e a filantropia feminista operam. No entanto, o próprio termo filantropia é percebido como repleto de conotações positivas e negativas. Para alguns, a filantropia é vista como uma forma de participação cívica e é incentivada a continuar uma longa história de doações e ajuda mútua. Para outros, no entanto, o termo está intimamente relacionado às estruturas de poder dentro dos sistemas opressivos e extrativistas.

Os críticos refletem sobre o papel que a filantropia desempenhou nos tempos coloniais, populistas e autoritários por meio do controle moral, da pacificação da resistência, da gestão das desigualdades e de outros danos causados sob a bandeira do bem¹⁷. Atualmente, a filantropia pode estar intimamente ligada a um setor de desenvolvimento enraizado em uma agenda neoliberal. Embora a ajuda ao desenvolvimento seja frequentemente apontada como uma ajuda generosa do Norte Global, ela é vista por outros setores

como uma cortina de fumaça para a extração por meio de mecanismos monetários¹⁸. Muitas vezes proeminentes apontam que ele orienta o trabalho de mudança social para a mercantilização e despolitização¹⁹, a diluição do trabalho de direitos humanos²⁰ e a cooptação das lutas feministas²¹.

As estruturas filantrópicas muitas vezes parecem distantes dos movimentos e das pessoas comuns²². Observa-se que o acesso a cargos-chave em organizações filantrópicas ainda é praticamente inatingível para as pessoas menos favorecidas. Além disso, verificou-se que a obtenção de recursos filantrópicos muitas vezes requer a profissionalização de ativistas que gradualmente se distanciaram de sua comunidade, o que pode, por sua vez, levar ao estabelecimento de pessoas que controlam o acesso (gatekeepers)²³ e dinâmicas de poder prejudiciais, com que se tornam mais “de base de nível superior”. (top-roots) que de base comunitária (grassroots)²⁴.

17 Véase por ejemplo las reflexiones históricas en Roitstein & Thomson (2015).

18 De uma perspectiva macro, a ajuda ao desenvolvimento pode funcionar como um aliado da política extrativista, e não como um sistema de apoio. Essa visão é desenvolvida por Kavita 18 Ramdas, ex-presidente e CEO do Global Fund for Women, em uma discussão publicada no SSIR sobre filantropocapitalismo: “... a realidade de que os US\$ 50 bilhões de “ajuda” (incluindo filantropia privada) vindos do Norte Global para o Sul Global anualmente é apenas um décimo dos US\$ 500 bilhões que são extraídos do Sul Global a cada ano na forma de pagamentos de juros sobre empréstimos e outros mecanismos impostos por agências financeiras internacionais, incluindo o Banco Mundial e o FMI”. Extraído de: ssir.org/point-counterpoint/philanthrocapitalism#:~:text=Philanthrocapitalism%2C%20a%20term%20that%20came,a%20social%20sector%20wedge%20issue.

19 Ver: Al-Karib, H. (2018). “The dangers of NGO-isation of women’s rights in Africa.” Women’s Rights News, Al Jazeera. Extraído de: aljazeera.com/opinions/2018/12/13/the-dangers-of-ngo-isation-of-womens-rights-in-africa/. Ver também: Carapico, S. (2002). “Foreign Aid for Promoting Democracy in the Arab World.” Middle East Journal, 56(3), 379-395 (p. 385). Extraído de: [jstor.org/stable/4329784](https://www.jstor.org/stable/4329784).

20 Younis, M. (2018). “Back to the Future: returning to human rights.” Open Global Rights. Extraído de: openglobalrights.org/Back-to-the-Future-returning-to-human-rights.

21 Hao, A. (2020). “On ‘female leadership’, the neoliberal co-optation of feminism, and the language that we use.” New Wave. Extraído de: newwave.substack.com/p/on-female-leadership-the-neoliberal.

22 Ver, por exemplo, as reflexões críticas de um ativista do povo Roma: Savic, J. (2017). Nemusti Famozni Feministicki Donatorski Jezik. Extraído de: usernameka.wordpress.com/feminism/nemusti-famozni-feministicki-donatorski-jezik/.

23 Ver, por exemplo: Bias, L. (2019). “NGOisation and generational divides in Serbia’s feminist movement.” Women’s Studies International Forum, Vol. 77 (p. 102292), Pergamon.

24 Ver, por exemplo: Younis, M. (2018). “Back to the Future: returning to human rights.” Open Global Rights. <https://www.openglobalrights.org/Back-to-the-Future-returning-to-human-rights>.

Com tudo isso em mente, e embora reconhecendo que a filantropia surgiu de valores patriarcais tradicionais, partes do ecossistema filantrópico evoluíram, diversificaram-se e tentaram reformular relações prejudiciais do passado. Por exemplo, o movimento feminista, que questiona e trabalha para dismantelar estruturas patriarcais opressivas, desenvolveu seu próprio modelo de filantropia. Numerosos manifestos, promessas, declarações e princípios²⁵ foram desenvolvidos para orientar o trabalho filantrópico consciente e responsável. Esses esforços se concentram em corrigir injustiças históricas²⁶, transformar o setor²⁷, alterar as relações das pessoas com seu trabalho²⁸, mudar o sistema global²⁹, ou objetivos relacionados.

Independentemente do propósito, os princípios gerais por trás desses esforços são semelhantes.

Trata-se de desaprender e aprender. Trata-se de repensar formas anteriores ou dominantes de pensar, fazer e usar a linguagem. Trata-se de estar ciente do contexto, ser flexível, usar o poder de forma responsável, atender a diversas necessidades e, por fim, redesenhar o sistema de forma justa e sustentável. Essa aspiração por mudanças radicais não é nova na filantropia comunitária, na filantropia para mulheres ou na filantropia feminista. Pelo contrário, ela faz parte do DNA de muitos atores da filantropia comunitária, da filantropia de mulheres e da filantropia feminista, e continua a evoluir.

25 Ver, por exemplo, o padrão ouro do setor, criado pela Astrea Foundation for Justice. Extraído de: astraeafoundation.org/microsites/feminist-funding-principles/#footnote-010-backlink. Uma nova contribuição para esse domínio inclui: "Princípios para o Financiamento Feminista", desenvolvidos em conjunto pelo Canadian Women's Foundation, Community Foundations of Canada, e o Equality Fund (anteriormente The MATCH International Women's Fund). Extraído de: canadianwomen.org/Women's-philanthropy-content/uploads/2020/05/Feminist-Philanthropy.pdf.

26 Ver, por exemplo: The Philanthropic Community. (2015). The Philanthropic Community's Declaration of Action. O Círculo de Filantropia e Povos Aborígenes no Canadá, por meio do qual as organizações filantrópicas canadenses e os financiadores individuais se uniram para apoiar o processo de tratamento dos danos causados pelo sistema de escolas residenciais canadenses às comunidades indígenas. Extraído de: the-circle.ca/the-declaration.html.

27 Ver, por exemplo: #ShiftThePower: a Manifesto for Change. Extraído de: <https://globalfundcommunityfoundations.org/news/announcing-the-pathways-to-power-symposium-london-18-19-november-taking-shiftthepower-to-the-next-level/>.

28 Ver, por exemplo, um manifesto de FRIDA, The Young Feminist Fund, que sustenta que: "o autocuidado individual e coletivo são estratégias políticas de resistência que nos ajudam a nos tornarmos mais resilientes e mais bem preparados para responder às ameaças, violência e discriminação que muitas vezes enfrentamos". FRIDA (2019). Manifesto da felicidade. Extraído de: <https://youngfeministfund.org/Women's-philanthropy-content/uploads/2019/06/Happiness-Manifestx-web.pdf>.

29 Ver, por exemplo, o manifesto de AWID para recuperação pós-COVID: Bailout Manifesto: From a Feminist Bailout to a Global Feminist Economic Recovery. Extraído de: <https://www.awid.org/sites/default/files/atoms/files/bailoutmanifesto-en-final.pdf>.

D. A FILANTROPIA COMUNITÁRIA, A FILANTROPIA DE MULHERES E A FILANTROPIA FEMINISTA SÃO ABORDAGENS DISTINTAS, MAS MUTUAMENTE RELEVANTES

Independentemente de se autodenominarem organizações filantrópicas comunitárias, fundos para mulheres, fundos de direitos humanos, fundos de paz ou qualquer outra coisa, elas representam um movimento novo e mais democrático na filantropia e na ajuda externa. Quer sejam chamadas de organizações filantrópicas comunitárias, fundos de mulheres, fundos de direitos humanos, fundos de paz ou qualquer outra coisa, eles representam um movimento novo e mais democrático em filantropia e ajuda externa. Eles desempenham um papel importante e único na sociedade, reconhecendo e reunindo ativos locais, aproveitando o poder de pequenas doações, criando grupos de interesse dentro e entre as comunidades (especialmente aquelas à margem) e negociando território entre formas horizontais e verticais de poder.³⁰

A filantropia comunitária, a filantropia de mulheres e a filantropia feminista são conceitos em evolução, cada um dos quais abriga uma ampla gama de significados. Para algumas pessoas no campo, são três abordagens distintas. Para outros, esses conceitos se enquadram em um espectro.

Qualquer parte interessada pode se identificar com um, dois ou todos os três conceitos. Além disso, todos os três conceitos são colocados em prática por meio de uma ampla gama de formas e abordagens organizacionais. E a forma e a abordagem mais adequadas podem mudar à medida que a organização se desenvolve. Tudo isso indica que esses conceitos são permeáveis, mutáveis ao longo do tempo e adaptáveis a diferentes ambientes. Algumas estratégias comuns usadas por atores na filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista:

- Movilización de recursos: círculos de donación, crowdsourcing, eventos de recaudación de fondos, realización de actividades generadoras de ingresos (por ejemplo, cooperativas de mujeres), involucrar a las empresas para que apoyen a las organizaciones de derechos humanos de las mujeres a través de donaciones financieras y en especie y el desarrollo de habilidades.
- Mobilização de recursos: círculos de doação, crowdsourcing, eventos de arrecadação de fundos, realização de atividades geradoras de renda (por exemplo, cooperativas de mulheres),

³⁰ Hodgson, J., & Knight, B. (12 de novembro de 2019). #ShiftThePower: from hashtag to reality, OpenDemocracy. Extraído de: <https://www.opendemocracy.net/en/transformation/shiftthepower-hashtag-reality/>.

engajamento de empresas para apoiar organizações de direitos humanos das mulheres por meio de doações financeiras e em espécie e do desenvolvimento de habilidades.

- Alocação de recursos: diferentes formas de concessão de subsídios, desenvolvimento de capacidade, conexão de parceiros para apoio mútuo, troca de habilidades e conhecimento.
- Desenvolver a compreensão e documentar a história: realizar pesquisas e publicar artigos, produzir mapas de eventos,³¹ organizar cursos e treinamentos, construir centros de documentação.
- Promover a conscientização: prêmios, campanhas, trabalho de incidência.
- Tomada de decisão participativa (PDM-Sigla em inglês) e coprodução: convocar pessoas para criar estratégias, definir uma agenda comum e atribuir papéis de acordo com ativos e capacidades.

³¹ Véase, por ejemplo: <https://www.rwfund.org/8-mart-mapa-dogadaja/8-mart-rwfund-arhiva/>.

Compreender distinções e interseções é necessário para evitar interpretações simplificadoras ou enganosas de realidades complexas. Historicamente, esses três conceitos estavam alinhados com várias matrizes ideológicas e estruturas de poder. Portanto, quando se fala em semelhanças e questões transversais entre filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista, isso não inclui indivíduos e organizações que têm posições tradicionais ou conservadoras. No entanto, vale a pena chamar a atenção para os grupos que se esforçam para abordar os níveis problemáticos da filantropia e, ao mesmo tempo, contribuir para um setor responsável, uma sociedade justa e comunidades resilientes.

Os entrevistados que trabalham com filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista demonstram um alinhamento compartilhado com a estrutura ACT usada pelo GFCF para descrever a filantropia comunitária. Para esses entrevistados, a filantropia comunitária, a filantropia feminina e a filantropia feminista

desenvolvem, reúnem e alavancam ativos como pessoas, conhecimento, habilidades, tempo, materiais, ferramentas, espaços, relacionamentos, redes, infraestrutura e dinheiro. Ao mesmo tempo, suas respectivas abordagens são projetadas para ajudar as pessoas a reconhecer, nutrir e desenvolver habilidades como colaboração, liderança coletiva, resolução de problemas e coprodução. E, por meio de comunicações autênticas e processos e procedimentos significativos e transparentes, eles promovem a confiança.

Embora haja consenso sobre a importância dos ativos, das capacidades e da confiança, aqueles que trabalham com filantropia comunitária progressista, filantropia feminina e filantropia feminista acreditam que o **foco nos direitos humanos é uma peça que falta na estrutura da ACT** que, se incorporada, tornaria a estrutura um ponto de encontro viável. Uma abordagem baseada em direitos é a base dos movimentos de filantropia comunitária progressiva e de filantropia de mulheres e apresenta um ponto de encontro com os movimentos de filantropia feminista. Embora as fundações comunitárias, os fundos para mulheres e os fundos feministas sejam a força motriz por trás da filantropia comunitária, da filantropia para



mulheres e da filantropia feminista, eles também fazem parte da infraestrutura, da rede de segurança e da ponte entre seus respectivos movimentos e outros atores relevantes. Assim, embora cada um tenha um ponto de partida e um desenvolvimento histórico diferentes, todos os três carregam em seu DNA a generosidade e a aspiração à mudança social.

Indonesia for Humanity (IKa) explica que trabalhar com mulheres requer uma abordagem holística. Dependendo do contexto, trabalhar com mulheres pode exigir trabalho tanto no nível comunitário quanto cultural, com atenção especial às questões subjacentes, não resolvidas e urgentes. A aplicação de uma perspectiva de gênero torna possível descobrir camadas normalizadas de opressão baseada em gênero.

No México, por exemplo, o conceito comunitário de propriedade e gestão da terra tradicionalmente exclui as mulheres. É por essa razão que o Fondo Semillas usa a filantropia comunitária para envolver toda a comunidade e a filantropia feminista baseada nos direitos humanos das mulheres para apoiar as mulheres no acesso à propriedade da terra e às assembleias. Os entrevistados envolvidos em discussões sobre o trabalho de direitos humanos das mulheres enfatizam a importância de trabalhar com a comunidade em geral, pois as mulheres não existem em bolhas e a responsabilidade de mudar padrões prejudiciais não deve recair exclusivamente sobre elas. Os direitos humanos das mulheres não podem ser reivindicados sem o envolvimento consciente das estruturas, dos atores, dos relacionamentos e dos processos existentes que moldam as posições e as realidades das mulheres. No entanto, isso não significa que qualquer trabalho em nível comunitário e social possa ser considerado uma contribuição para os direitos humanos das mulheres. Além disso, importa quem faz o trabalho e como esses atores obtêm recursos.



FUNDO DE MULHERES IKA, FUNDO DOS DIREITOS HUMANOS, FUNDO VERDE & FUNDO CULTURAL

O fundo de mulheres da Ika não funciona isoladamente. A Ika também criou três outros fundos: um fundo de direitos humanos, um fundo verde e um fundo cultural. O Fundo de Direitos Humanos (DD.HH.) é o fundo mais antigo. O Fundo de Direitos Humanos apoia vítimas de graves violações de direitos humanos durante o antigo regime autoritário do país. Como esses casos não são resolvidos, não há prestação de contas ou reconhecimento. O fundo dos DD.HH. da Ika lida com essa injustiça histórica e o trauma resultante apoiando as mulheres vítimas e sobreviventes. O fundo verde da IKA destina-se à resposta a desastres (por exemplo, tsunamis, terremotos, erupção vulcânica) e à soberania alimentar, além de ser um fundo comunitário. Por fim, o fundo cultural da Ika apoia os agentes de mudança social que trabalham para promover questões de diversidade e tolerância religiosa. Dessa forma, as injustiças históricas não são negligenciadas e mecanismos são desenvolvidos para responder a necessidades urgentes, enquanto trabalham continuamente para resistir a tendências prejudiciais e expandir o espaço para uma sociedade diversa. Como tal, a Ika apoia mulheres com experiências diferentes sem reduzi-las a uma identidade unidimensional.



CONCLUSÕES

Há potencial para os atores da filantropia comunitária, a filantropia de mulheres e a filantropia feminista colaborarem e se ajudarem mutuamente para alcançar objetivos comuns e inter-relacionados e, ao mesmo tempo, superar desafios compartilhados. Sua diversidade pode ser a sua força se eles conseguem encontrar uma maneira de trabalhar juntos em causas conectadas, através de diferentes pontos de entrada e respeitando o princípio da ação sem danos. As cinco recomendações a seguir sugerem maneiras de avançar neste trabalho conjunto.

1. GARANTIR A APRENDIZAGEM CONTÍNUA E A COPRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS

Os legados dos movimentos que contribuem para a expansão e a implementação dos direitos humanos devem ser um conhecimento central nos círculos de filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista. Compreender e transmitir a memória das lutas anteriores é necessário para que as pessoas que trabalham no campo possam realizar esforços estratégicos. Embora o setor mais amplo promova o monitoramento, a avaliação e o aprendizado (MEL por sua sigla em inglês) como uma prática recomendada para a gestão do conhecimento e a medição do impacto, os profissionais da filantropia

comunitária, da filantropia de mulheres e da filantropia feminista argumentam que a mudança social exige um aprendizado que vai além da medição. O conhecimento para a mudança social começa com a criação de significado e continua com a cogeração de ideias, conceitos e mudanças.

A medição, as práticas de MEL e a produção de conhecimento estão profundamente entrelaçadas com relações capitalistas e patriarcais. Como tal, eles apresentam mais uma área de luta para mudar o poder, descolonizar o conhecimento e modificar a maneira como a filantropia aborda a aprendizagem e usa esse conhecimento. Para alcançar resultados significativos em termos de MEL, é fundamental utilizar ferramentas e indicadores adequados ao contexto, bem como uma teoria (ou conjunto de teorias) que dê sentido à informação coletada. O setor de MEL também deve se esforçar para capturar as consequências indesejadas das iniciativas filantrópicas.

Feministas profissionais apontam que é fundamental acabar com a prática nociva de perseguir uma “boa história” e, em vez disso, prestar atenção à importância de “manter as conquistas passadas”, em particular em situações de redução do espaço para a sociedade civil e de reações negativas a ela. Feministas também pedem uma análise política profunda para revelar camadas ocultas por trás de experiências (não) bem-sucedidas.

Tudo isso requer tempo para refletir, participar de conversas honestas em todo o setor, aprender uns com os outros e aceitar os erros como oportunidades de aprendizado para descobrir o que funciona. A coprodução³², um dos princípios fundamentais do movimento de vida independente, poderia muito bem se tornar a pedra angular da MEL na filantropia comunitária, na filantropia feminina e na filantropia feminista. Sem aprendizado mútuo e construção conjunta de significado, não há espaço para falar sobre compartilhamento e transferência de poder. Dessa forma, as estruturas feministas de MEL devem envolver um processo de coprodução, reexame e reformulação de ferramentas e abordagens de aprendizagem para acompanhar as realidades complexas e em constante mudança.

DANDO O SIGNIFICADO

Profissionais de filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista desenvolvem seus próprios métodos para fortalecer o aprendizado coletivo. Por exemplo, Ika (Indonésia) fala em “dar significado”, em vez de fazer medições. Em uma província da Indonésia, a Ika pediu a seus parceiros que identificassem ativistas e líderes de opinião com conhecimento do contexto e da dinâmica local. Seus parceiros recomendaram quatro pessoas reconhecidas como geradoras de conhecimento para a mudança social: um historiador, um jornalista, um artista voltado para questões sociais e um

profissional do setor cultural. Essas quatro pessoas se juntaram à Ika para trabalhar na reconstrução da comunidade após o desastre. Com seu profundo conhecimento do contexto local, eles serviram como mentores para jovens líderes comunitários, ao mesmo tempo em que ofereceram reflexões críticas sobre o progresso ao longo da iniciativa. Esses “doadores de significado” compartilharam com a Ika suas perspectivas, quais esforços são significativos, quais preocupações surgem do trabalho e quais considerações estão ligadas à realização de uma transformação de longo prazo. Este experimento é uma abordagem de aprendizagem reflexiva, comunitária e transformadora. A abordagem da Ika é diferente dos processos de medição extrativistas de cima para baixo, tão comuns no setor do desenvolvimento. Aqui, a comunidade escolheu seus próprios “especialistas” locais e criaram significado em conjunto, para si mesmos. Este experimento resultou em uma relação de longo prazo que continuou muito depois da própria subvenção.

32 Ver: http://www.enil.eu/Women's_philanthropy-content/uploads/2014/05/FAO_Co-production.pdf

2. COMPARTILHAR E TRANSFERIR PODER

Profissionais da filantropia comunitária progressista, filantrópica feminina e filantrópica feminista pedem que a filantropia compartilhe e transfira o poder. Os problemas de poder identificados, mas insuficientemente abordados, nas comunidades e nos movimentos estão relacionados com as pessoas que controlam o acesso à comunidade (gatekeepers), as brechas geracionais e a profissionalização das pessoas ativistas de base. Além disso, aqueles que antes eram oprimidos também podem se tornar opressores. Enquanto isso, os traumas não curados das dinâmicas de poder tóxico podem se perpetuar e se transformar em diferentes formas de violência. A partir do conhecimento diferenciado gerado nos campos da filantropia comunitária, filantropia das mulheres e filantropia feminista, surgiram dois pontos de entrada principais para compartilhar e transferir poder.

Primeiro, é necessário reexaminar a composição, estruturas, processos e culturas dentro das organizações filantrópicas e do setor filantrópico como um todo e encontrar maneiras de torná-lo mais autorreflexivo, ágil, representativo e responsável perante aqueles a quem deveria servir. Na prática, isso significa criar espaços para que pessoas de diversas origens, especialmente os desfavorecidos e oprimidos, possam influenciar as decisões e os fluxos de recursos. Também significa incorporar valores feministas nas organizações, abordar culturas tóxicas, reconhecer o abuso de poder, permitir uma participação significativa e criar um ambiente onde as pessoas prosperem.

Os entrevistados fizeram eco a uma observação feita por Srilatha Batliwala, acadêmica e ativista feminista, de que as mulheres e as organizações feministas não são automaticamente melhores em termos de liderança, responsabilidade, inclusão, funcionamento democrático e distribuição de poder. Os avanços nesses domínios ocorrem por meio de um trabalho contínuo e focado





que traduz os valores feministas em prática. Falar de estruturas “planas” e “prestação de contas ao movimento” não significa nada se não houver mecanismos para regular o poder, as responsabilidades e os princípios operacionais.³³ Além disso, é importante adquirir conhecimento de forma contínua em toda a organização para evitar que esta se torne rígida e fique estagnada. Mas o que define a direção de uma organização é a posição ideológica em seu núcleo.

“As habilidades não são capacidades neutras ou transferíveis; são determinados por valores e políticas, como a forma como os relacionamentos são gerenciados, os conflitos são resolvidos ou as escalas salariais e as descrições de cargos são formuladas para uma posição.³⁴”

Em segundo lugar, **ao trabalhar com comunidades e movimentos, é necessária uma abordagem interseccional.**

As comunidades e os movimentos não são homogêneos nem estáticos e podem abrigar opressão e marginalização, mesmo quando são formados por atores reunidos em torno de valores progressistas. Estar presente, ser recursivo e facilitar os processos de uma forma que não seja extrativista, simbólica ou prejudicial exige paciência, introspecção e uma ruptura com o complexo de salvador e as noções romantizadas de comunidades ou movimentos.

Construir alianças transversais a diferentes temas é fundamental para sustentar lutas interrelacionadas. As pessoas muitas vezes

não conseguem ver aliados em outras pessoas que estão lutando. A Solidarity Foundation é cautelosa com as comparações, como “não há ninguém cujo sofrimento seja tão grave quanto o meu”, porque isso tira espaço da empatia. “Se você não tem empatia, como você vai construir laços de solidariedade? Como você vai construir alianças mais fortes? A primeira coisa é entender que você não é a única pessoa que sofre”. Para superar o egocentrismo, as pessoas devem falar umas com as outras, compreender as realidades dos outros e desenvolver um senso de responsabilidade coletiva.

A filantropia responsável é possível quando aqueles que participam refletem proativamente sobre seu poder e privilégio, apoiam “outros” injustamente marginalizados e verificam periodicamente se suas práticas estão em conformidade com suas narrativas. As experiências das pessoas entrevistadas sugerem que isso pode ser alcançado intencionalmente. Uma abordagem intencional incorpora as seguintes práticas:

1. Compreender a hierarquia das necessidades e as condições prévias para atingir objetivos de longo prazo.

A filantropia deve começar atendendo às necessidades básicas e trabalhando para criar confiança e colaboração. Em seguida, criar espaço para transformar atitudes e práticas prejudiciais e trabalhar pela cura, solidariedade, inclusão e justiça.

33 Batliwala, S. (2011). Feminist leadership for social transformation: Clearing the conceptual cloud. New Delhi: CREA, p. 44-46. Recuperado em: <https://www.uc.edu/content/dam/uc/ucwc/docs/CREA.pdf>.

34 Ibid. p. 52-54.

2. Reconhecer o espectro de identidades de gênero e diversidade na comunidade e afastar-se das expectativas essencialistas dos membros da comunidade e do movimento.

Embora a maior parte do trabalho destinado a construir comunidades melhores seja feita por mulheres, jovens e membros de grupos marginalizados, é limitante criar programas voltados apenas para mulheres, jovens e membros de grupos marginalizados. Além disso, mulheres, jovens e membros de grupos marginalizados não devem arcar com todo o fardo de consertar a sociedade e as injustiças históricas. Se o objetivo é melhorar sua situação e suas realidades, o ambiente precisa mudar. Deve ser aberto e justo, inclusivo para toda a comunidade.

3. Qualquer abordagem deve ser sensível à classe, casta, raça, faixa etária, capacitismo e qualquer outra camada de opressão, discriminação, exploração ou negligência. Com isso em mente, é preciso criar mecanismos adequados para garantir uma participação justa e, ao mesmo tempo, promover a solidariedade.

4. Saber quando dar um passo à frente e quando dar um passo para trás. Profissionais da área alertam contra vitórias fáceis que podem contribuir para a monopolização do poder. Por exemplo, uma política do Reconstruction Women's Fund (RWF) é não invadir o espaço de outros grupos e funcionar apenas como um abridor de portas. Por exemplo, quando os meios de comunicação abordam a RWF para solicitar

comentários, sua primeira consideração é se há um grupo no local com experiência direta para o qual eles possam contribuir. E, quando os doadores ou outros atores do ecossistema estão procurando parceiros, a RWF repassa essas solicitações a grupos no terreno para promover novos contatos e melhorar o acesso a diferentes tomadores de decisão.

A RWF também procura apenas oportunidades de financiamento que estão fora do alcance dos grupos que pretende financiar e trabalha para canalizar esses recursos para eles.

3. INTERAGIR DE FORMA CUIDADOSA E OBJETIVA COM O ESTADO E OS SETORES EMPRESARIAIS

Como disse um participante: os recursos podem ser usados para apoiar os direitos humanos das mulheres ou contra eles, portanto, cabe à filantropia feminista, à filantropia de mulheres e aos atores da filantropia comunitária e seus aliados reivindicar esses recursos para as mulheres e suas comunidades. Influenciar os fluxos de recursos a partir de diferentes pontos de entrada, sem interferir no domínio de outros, e ao mesmo tempo abordar as práticas prejudiciais por trás da geração, extração e alocação dominante de recursos é uma tarefa difícil. Os profissionais da área pedem um relacionamento cauteloso com o Estado e os setores empresariais, que têm grande

poder na canalização de recursos e devem ser responsabilizados por isso.

O Estado é suposto garantir a proteção dos direitos humanos (DD.HH.). O Estado também é um dos principais reguladores dos fluxos de recursos. A forma como essas duas responsabilidades funcionam na prática depende do quadro ideológico em que cada Estado opera e da sua história em relação aos direitos humanos e aos direitos humanos das mulheres. O monitoramento das políticas estaduais e os fluxos de recursos e o trabalho com órgãos estatais são temas altamente dependentes do contexto e requerem abordagens diferenciadas.

As atitudes em relação ao setor empresarial são mistas. O setor empresarial geralmente é visto em termos de seus impactos negativos (por exemplo, colonização de corpos e ambientes, esgotamento de recursos naturais, extração de mão de obra e recursos comunitários, obtenção de lucros com serviços sociais e outros que deveriam ser acessíveis a todas as pessoas). Como o setor privado gerencia grande parte dos recursos, os entrevistados reconhecem a necessidade de influenciar esses fluxos de recursos e abordar as práticas do setor privado. No entanto, devido a um desequilíbrio substancial de poder, as formas de participação devem ser cuidadosa e estrategicamente projetadas.

Em relação ao exposto, alguns entrevistados chamam a atenção para a situação de “crescer amplamente” versus “crescer profundamente”.

O crescimento amplo às vezes é descrito como a busca de recursos antes de filtrar oportunidades e compromissos significativos. As pessoas entrevistadas compartilharam suas preocupações sobre se tornar “corporativas” à medida que expandem sua operação. Isso é descrito como uma cultura de competência, que se torna visível e manifesta-se na abordagem de uma organização para a visibilidade, o desenvolvimento da marca (branding), alcance, resultados e experiência, e, além disso, não estimula a reflexão e conversas críticas. Por outro lado, crescer profundamente significa fortalecer as próprias raízes na comunidade e priorizar a autonomia, o que afeta as atitudes em relação a acordos de financiamento aceitáveis. É evidente que não existe uma receita única e simples sobre se os atores da filantropia comunitária, a filantropia de mulheres e a filantropia feminista podem reivindicar recursos e apoio do Estado e dos setores empresariais, e como fazê-lo.

A forma como uma organização coleta e dissemina recursos determina se ela está trabalhando em abordagens significativas ou extrativas. Profissionais nas áreas de filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista concordam que é importante reconhecer e promover **diversos** recursos para sustentar a mudança social. Muitos entrevistados enfatizaram que a obtenção de recursos não é apenas uma questão financeira. A obtenção de recursos também tem a ver com conhecimentos, habilidades, serviços pro bono, contatos, materiais, espaços e todos os tipos de

contribuições em espécie que realizam os diferentes atores. Isso inclui contribuições internas e externas para comunidades e movimentos. Os recursos **internos** vêm de dentro da comunidade ou do movimento. Os recursos **externos** vêm de outras fontes que estão alinhadas em torno de um interesse similar, que podem incluir o público em geral,

doadores filantrópicos, organismos estatais, empresas interessadas, etc. Embora os recursos internos são fundamentais para manter a autonomia, os recursos externos podem oferecer uma rede de segurança adicional.

Faça o que fizer agora, pense no futuro: isso permitirá que você seja a organização do futuro?

Hope Chigudu



FEMINIST



4. OBTER RECURSOS DE FORMA RESPONSÁVEL

Recomenda-se que os destinatários do apoio se envolvam ativamente **como parceiras, em vez de destinatárias passivas**. Suas vozes e experiências não podem ser relegadas a segundo plano ou reservadas apenas para ocasiões especiais. Garantir que pessoas marginalizadas, oprimidas e desempoderadas tenham voz é um começo; no entanto, essa prática deve evoluir para a coprodução com outros atores relevantes. O movimento de vida independente oferece um exemplo e diretrizes para estabelecer um **ambiente colaborativo significativo**. O apoio é inadequado se as pessoas enfrentarem

barreiras ou se for muito complicado, restritivo ou fragmentado. Este estudo deixa claro que **os ativistas são o principal recurso** e a força motriz da mudança social. Portanto, uma recomendação óbvia é investir nos ativistas: investir em sua educação, em seu desenvolvimento pessoal e profissional e em seu bem-estar. Também é importante oferecer proteção e segurança social aos ativistas. Investir em ativistas é um investimento necessário em movimentos com recursos e comunidades resilientes.

Ter a capacidade de alocar recursos requer

AVALIAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES INTERNAS

Os recursos internos dos movimentos e das comunidades geralmente recebem menos atenção do que os recursos de doadores externos. Diversos atores da filantropia comunitária, da filantropia feminina e da filantropia feminista acreditam que é importante esclarecer melhor a importância dos recursos internos para a mudança social. O Fondo Semillas acredita que as comunidades contribuem mais do que recebem em fundos de subsídios, mas suas contribuições não são tão facilmente registradas quanto os dólares de subsídios externos. Atualmente, eles estão trabalhando com o FF.CC. para avaliar a quantidade de recursos que as comunidades trazem para o trabalho. Eles planejam compartilhar suas descobertas para incentivar mais conversas e o reconhecimento das contribuições da comunidade, que muitas vezes são consideradas como certas. Os entrevistados também observaram que muitos fundos ativistas foram iniciados e, até certo ponto, mantidos com economias pessoais e contribuições individuais de fundadores, funcionários e/ou membros do conselho.

atenção ao poder que a posição proporciona. Chamar a atenção para os centros de poder pode ser mais difícil no contexto de um movimento ou comunidade centralizada, que tende a abrigar desequilíbrios de poder e divisões em torno de questões delicadas. Os fundos para mulheres aprenderam a importância de financiar mais de uma organização nas comunidades. Os profissionais da filantropia comunitária, da filantropia de mulheres e da filantropia feminista buscam maneiras de priorizar o apoio a grupos subfinanciados, isolados e marginalizados.

A maioria tem chamadas abertas para propostas, oferecendo oportunidades para que diferentes vozes recebam financiamento. Muitas estão trabalhando para simplificar suas estruturas, processos e procedimentos, linguagem e outros elementos. Algumas estão usando estratégias específicas para alcançar grupos em regiões com poucos recursos ou para disponibilizar seu financiamento exclusivamente para grupos de base. Todas essas experiências apontam para a aquisição responsável de recursos, o que implica em flexibilidade, orientação de longo prazo e abordagens participativas sempre que possível, mas nunca simbólicas (tokenismo).

O objetivo final deve ser a democratização do controle sobre os recursos.

APELO A UMA ABORDAGEM CONSCIENTE DA CONCESSÃO PARTICIPATIVA DE SUBVENÇÕES

Uma prática atualmente promovida por um segmento crescente da comunidade de doadores é a concessão participativa de doações (PGM por sua sigla em inglês). Embora essa prática esteja longe de ser estabelecida, há um interesse significativo e crescente em todo o mundo. Embora a disposição de desafiar as estruturas de poder existentes e criar novas formas de canalizar fundos seja louvável, o esquema PGM não deve ser visto como uma panaceia, pois é uma das muitas etapas importantes na abordagem de problemas subjacentes e desigualdades sistêmicas. A literatura e as experiências dos profissionais da área apontam para a necessidade de refletir sobre os seguintes aspectos dos processos de subvenção participativa: (1) Quem está envolvido e quem não está? (2) Como é estruturado o processo de solicitação de subsídios? (3) como as decisões são tomadas e elas levam em conta o contexto, a história e a dinâmica do poder? E (4) quais são as implicações mais amplas de um processo de PGM? Portanto, o PGM e outras abordagens que promovem a democratização exigem considerações conscientes

A aspiração de mudar a forma como os recursos são obtidos para uma mudança social progressiva deve ir além das redes e círculos de pessoas que foram pioneiras nessa mudança. Acredita-se que a filantropia participativa, que busca desenvolver o **apoio local de várias partes interessadas**, sirva como um escudo e, por sua vez, uma fonte de força para os movimentos.³⁵ A construção de alianças locais com várias partes interessadas, como aquelas que podem ser formadas entre

grupos feministas e outros grupos de base, sindicatos, universidades e partidos políticos, é o sonho de muitos atores progressistas da filantropia comunitária, da filantropia feminina e da filantropia feminista. Embora as alianças possam ser difíceis de estabelecer e manter, uma vez estabelecidas, elas podem ser: “a estratégia mais eficaz para sustentar os custos necessários para a mobilização” em torno da mudança social³⁶.

35 Younis, M. (2017). Community philanthropy: A way forward for human rights? GFCF. <https://globalfundcommunityfoundations.org/Women's-philanthropy-content/uploads/2019/04/CommunityPhilanthropyWayForwardForHumanRights.pdf>.

36 Tesoriero, V., & AWID. (2019). Feminist funded organizing: our money, our decisions. AWID. Extraído de: https://www.awid.org/news-and-analysis/feminist-funded-organizing-our-money-our-decisions?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=autonomous-resourcing&utm_content=RFM%20.

5. ABRACE O CUIDADO COLETIVO E A JUSTIÇA AMBIENTAL

O trabalho de mudança social é difícil, e as estruturas nas quais ele ocorre podem (e muitas vezes o fazem) perpetuar padrões prejudiciais. Portanto, é importante reconhecer que muitas pessoas se sentem magoadas, preocupadas, irritadas e estressadas. De acordo com a feminista Hope Chigudu, a **cura** é uma parte fundamental da luta pela justiça social. Outros profissionais da área concordam que recursos, incluindo espaço e tempo, são necessários para que a cura ocorra. Primeiro, os profissionais da área precisam de tempo e espaço para curar e reconstruir seus coletivos. Então, eles precisam de mais tempo e espaço para interagir adequadamente com as comunidades e as mulheres. Caso contrário, o ciclo vicioso de formas tóxicas de poder e experiências prejudiciais não poderá ser superado.

O cuidado coletivo é um ingrediente indispensável na filantropia comunitária orientada para a justiça, na filantropia de mulheres e na filantropia feminista. O cuidado coletivo tem componentes internos e externos. Internamente, uma organização se concentra no bem-estar de suas pessoas, respeita seus direitos trabalhistas e está orientada para a melhoria das condições de trabalho. Enquanto isso, a dimensão externa do cuidado coletivo significa que uma organização estende tais medidas e práticas à sua comunidade, parceiros e colaboradores, sem perder de vista o ambiente natural.

Uma pessoa entrevistada mencionou que “há muitas coisas que são padronizadas e que não se adaptam a diferentes estilos de trabalho”. Mas se houver vontade, diferentes

estruturas organizacionais e culturas são possíveis. Pessoas com experiência na área concordam que uma cultura de trabalho deve refletir valores organizacionais, como inclusão, acessibilidade, respeito aos direitos trabalhistas e humanidade. Os profissionais da área pedem maior flexibilidade e adaptabilidade para apoiar um ambiente de trabalho que inclua mães, pessoas com deficiência e o amplo espectro de necessidades humanas que influenciam a capacidade de trabalho de uma pessoa.

Uma das pessoas entrevistadas observou que, sem infraestruturas e procedimentos humanos, as pessoas que fazem parte destas instituições enfrentam “muitas desigualdades, o que leva à frustração, à desmotivação, à desorientação, à desconexão dos valores, à falta de motivação pela missão, ao esgotamento e ao questionamento de onde se vêm”. E então eles desistiram. Com isso em mente, as políticas de trabalho devem indicar claramente o que as organizações pretendem mudar no mundo.

Dito isso, o cuidado coletivo também depende do contexto. Dessa forma, ele deve ser adaptado às necessidades específicas das pessoas na organização, nos movimentos, nas comunidades e no ambiente natural. Independentemente da forma, os princípios subjacentes são universais: solidariedade, inclusão, coprodução, direitos humanos e justiça ambiental.

Vários entrevistados destacaram o papel de um líder em definir o tom certo em torno do cuidado coletivo. O Fundo de Desenvolvimento das Mulheres Africanas destaca a importância da liderança baseada em valores. Ou seja, estar ciente das diferentes formas de poder e ter uma orientação para nutrir os talentos das pessoas e permitir que elas prosperem em suas funções. Dessa forma, as pessoas podem

liderar mudanças de diferentes posições em um sistema e co-criar seu ambiente com grupos de pessoas que incorporam todos os valores e princípios mencionados acima. O cuidado coletivo também abrange o princípio de “ação sem dano”. Além de uma perspectiva antropocêntrica, o cuidado coletivo lida com a pegada ecológica de uma organização e trabalha para reduzi-la.



Promover o cuidado coletivo: um exemplo prático Modelo de relatório para beneficiárias do Fundo de Mulheres, trecho traduzido do sérvio:

(Os pontos abaixo são opcionais e entendemos que não é fácil realizar todos os pontos listados, mas gostaríamos de começar a pensar juntos sobre esses aspectos do nosso trabalho e começar a encontrar maneiras de tornar nossas atividades o mais sustentáveis e democráticas possível, preservando e melhorando nosso meio ambiente. Se você desenvolveu boas práticas em relação a qualquer um desses aspectos, compartilhe-as conosco.)

Durante a implementação do projeto, você considerou algum dos seguintes aspectos?

Organizar eventos em espaços acessíveis para pessoas com deficiência.

Que todas as informações, comunicações e conteúdos produzidos por sua organização sejam acessíveis e compreensíveis para o maior número possível de pessoas (por exemplo, legendados, adaptados para pessoas cegas, disponíveis on-line, fáceis de transportar e distribuir etc.), exceto no caso de conteúdo especializado para um grupo-alvo limitado.

- Que todas as pessoas que participam do projeto sejam informadas em tempo hábil sobre eventos, mudanças nos planos ou processos e outras informações importantes.
- Que as pessoas que são trabalhadores assalariados recebam seus pagamentos em tempo hábil.
- Não usar indevidamente as contribuições voluntárias (ou seja, o foco está na criação de uma comunidade de pessoas que trabalham em solidariedade, criando um ambiente de trabalho em que os voluntários tenham a oportunidade de adquirir conhecimentos/habilidades/contatos sem serem explorados, em que as contribuições voluntárias sejam valorizadas. Que o voluntariado não seja usado se houver a possibilidade de compensar o trabalho, etc.).
- Que seja fornecida alimentação adequada para os participantes com diferentes preferências e restrições (opções veganas, sem glúten, etc.).
- Que qualquer sobra de alimentos ou bebidas deve ser compartilhada ou doada.
- Que os recursos sejam obtidos de produtores locais sempre que possível.
- Na medida do possível, utilizar os meios de transporte mais ecológicos e econômico (transportes públicos ou veículos com vários passageiros).
- Evite imprimir materiais promocionais redundantes.
- Evitar o desperdício de eletricidade, água e outros recursos.
- Minimizar o desperdício e reciclar sempre que possível.

CONCLUSÃO

Quando as teias de aranha se juntam, elas podem pegar um leão.

Proverbio amhara³⁷

A filantropia comunitária, a filantropia feminina e a filantropia feminista formam uma pequena parte de um setor filantrópico grande e diversificado. No entanto, essas três abordagens compõem um ambiente robusto que oferece uma variedade de funções, abordagens e habilidades. Essas três abordagens também se cruzam e se complementam, tanto na teoria quanto na prática.

As fundações comunitárias e os fundos de mulheres, como forças motrizes da filantropia comunitária, da filantropia feminina e da filantropia feminista, são cada vez mais reconhecidos como modelos eficazes de mobilização de recursos, como canalizadores de doações informadas e responsivas e como bons ouvintes que provam ser mais responsivos aos ativistas e exigem menos obstáculos administrativos em comparação com os financiadores tradicionais. Embora sejam organizações de ponte, não são intermediários passivos e apolíticos. Em vez disso, eles são atores autônomos que têm um papel a desempenhar na mudança de conversas, poder e recursos de forma responsável. Sua compreensão abrangente dos sistemas, histórias (dos movimentos) e realidades locais os prepara melhor para lidar com a desordem, os desafios e até a dor

que acompanham as lutas sociais por uma sociedade justa.

Embora alguns profissionais das áreas de filantropia comunitária, filantropia de mulheres e filantropia feminista já tenham se unido para ampliar seus respectivos esforços, há um grande potencial para uma colaboração mais ampla e profunda entre essas três áreas para melhorar os direitos das mulheres e as realidades comunitárias. Entretanto, a capacidade de influenciar o setor e a sociedade e de criar mudanças sociais duradouras depende da capacidade desses atores de serem autocríticos, de criarem espaços de cura, de apreciarem a singularidade de cada abordagem, de respeitarem a autonomia e de encontrarem modalidades de colaboração estratégica que complementem os esforços uns dos outros. E eles serão guiados pelo princípio de “ação sem danos”. É fundamental desenvolver proativamente mecanismos para resistir à cooptação de sistemas opressivos e exploradores e evitar a duplicação de práticas nocivas. É possível unir setores que atravessam esses domínios complementares, embora fragmentados, e isso seria uma bênção para suas organizações, comunidades e movimentos. A polinização cruzada dos ativos e capacidades da filantropia comunitária, da filantropia feminina e da filantropia feminista, ao mesmo tempo em que constrói confiança e solidariedade entre os atores nos três campos, oferece um grande potencial para que esses atores façam uma mudança decisiva em direção a um ecossistema justo e sustentável.

³⁷ CivSource África (2020). African Proverbs on Giving & Generosity, p. 5. Extraído de: <https://wings.issuelab.org/resource/african-proverbs-on-giving-generosity.html>.

APÊNDICE - LISTA DE PESSOAS ENTREVISTADAS

1. **Abigail Burgesson**, Gerente de Programas Especiais: African Women Development Fund (AWDF)
2. **Agni Baljinnyam**, diretora executiva; **Davaanamjil Purevdorj**, Coordenadora do Programa de Subsídios e **Chimgee de Uyanga**, Ex-Oficial do MEL: Mongolian Women's Fund (MONES)
3. **Alexandra Garita**, Diretora Executiva, Prospera - International Network of Women's Funds
4. **Florencia Roitstein**, Diretora e **Andrés Thompson**, Coordenador: ELLAS - Mujeres y filantropía
5. **Galina Maksimovic**, Coordenadora da comunidade: Reconstruction Women's Fund (RWF)
6. **Judy Kan**, Diretora Executiva: HER Fund
7. **Kamala Chandrakirana**, Presidenta do Conselho: Indonesia untuk Kemanusiaan' / Indonesia for Humanity (IKa)
8. **Magdalena Pochec**, Co-fundadora e membro do conselho: FemFund / Fundusz Feministyczny
9. **Mima R. Novkovic**, Presidente e Coordenadora do Programa de Igualdade na Oratória Pública
10. **Shubha Chacko**, Diretora Executiva: Solidarity Foundation
11. **Snehlata Nath**, Diretora Fundadora: The Keystone Foundation
12. **Rasha Sansur**, Oficial de Comunicações e Mobilização de Recursos e **Lina Ismail**, Oficial de Programas Comunitários: Dalia Association
13. **Tania Turner**, Diretora Executiva: Fondo Semillas
14. **Tenzin Dolker**, Coordenadora de Recursos para Movimentos Feministas: Association for Women's Rights in Development (AWID)
15. **Urmila Shrestha**, Diretora Executiva: Tewa

ENTREVISTAS INDIVIDUAIS:

16. **Hope Chigudu**, ativista dos direitos das mulheres e estrategista de desenvolvimento organizacional, ex-membro do conselho da GFCF
17. **Laura García**, Presidenta e CEO de Global Greengrants Fund, ex Diretora Executiva do Fondo Semillas
18. **Nino Ugrekhelidze**, ex-oficial do MEL na Taso Foundation, ex-codiretora executiva de FRIDA - Young Feminist Fund, ex-coordenadora do Projeto Proyecto Beijing Unfettered na AWID.